

Um Clark Kent longe do estereótipo criado por Christopher Reeve

David Cozenswet, que mantém a linhagem kryptoniana viva (e adulta), na produção de US\$ 225 milhões de Gunn, na qual assume o papel de Kal-El (e de seu alter ego, o repórter Clark Kent), é maroto o bastante para não copiar o jeito apolíneo de Reeve. Aliás, a versão de Gunn é sobre o oposto de Apolo: seu Superman quebra o braço, sangra, toma tapa na cara, lida mal com os impasses do relacionamento (carnal) com Lois Lane (Rachel Brosnahan) e paga um preço por uma tomada de posição política ao intervir numa espécie de Faixa de Gaza fictícia. Fora isso, há um cachorro... que voa... que tem super mordida... e não sossega o rabinho, o já citado Krypto, baseado na mascote surgida no n° 210 do almanaque "Adventure Comics", em março de 1955, e inspirado no pet de estimação de Gunn.

Tem Superamigos também, não aqueles que a gente via no desenho homônimo das manhãs da Globo nos anos 80, com os Super-Gêmeos Zan e Jayna, o Chefe Apache e o Samurai, mas uma trupe porreta, formada pela guerreira alada Mulher-Gavião (Isabela Mercedes), o inventor ricoço Sr. Incrível (Ed Gathegi) e o Lanterna Verde doidão Guy Gardner (Nathan Fillion). Essa é a turma que vai ajudar o personagem a lidar com um Lex Luthor que goteja xenofobia vivido em estado de graça por Nicholas Hoult.

Lex Luthor é rico. Tem tanto dinheiro quanto o Bruce Wayne lá de Gotham, cidade vizinha à sua Metrópolis, que ganhou respeito no mundo midiático por ter um jornal onde "aconteceu, virou manchete", e angariou os olhos do mundo por ter virado o lar do Superman. Toda e qualquer fronteira ao intelecto, aquelas que nenhuma IA transpõe, a mente de Lex ultrapassa, à força dos inventos de sua LexCorp. No roteiro (sinuoso, mas sólido) de James Gunn, até um universo paralelo compacto, com códigos da Física semelhantes aos nossos, esse bandido elegante bola. Seus neurônios transcendem tudo, menos a barreira do racismo.



Divulgação

David Cozenswet criou um Superman que quebra o braço, sangra e se revela mais humano

Com tanto elemento bom a seu favor, Gunn pode dar seu recado de cabeça erguida, apoiado no prestígio que consolidou dirigindo os três volumes da franquia "Guardiões da Galáxia" (de 2014 a 2023) para a Marvel. O caminho que seguiu é distinto do épico com Reeve. Parece (até na confecção da direção de arte e no colorido de sua fotografia) com as artes gráficas, o que o aproxima de um almanaque de férias, tipo o extinto "SuperPowers", da editora Abril.

O filme dos anos 1970 era quase fabular. Coroado com uma bilheteria de US\$

300 milhões, "Superman, O Filme", em 78, driblava a linha realista que vinha ditando as regras das cartilhas hollywoodianas desde a década de 1960. O escritor Mario Gianluigi Puzo (1920-1999), autor do romance "O Poderoso Chefão", trabalhou no roteiro dessa famosa transposição do guardião de Metrópolis para as telas. De março de 1977 a novembro de 1978, o cineasta Richard Donner Schwartzberg (1930-2021) torrou um orçamento de US\$ 55 milhões para filmar e finalizar uma adaptação cinematográfica das HQs de Jerry Siegel (1914-1996) e Joe Shuster (1914-1992). Antes dele, Guy Hamilton e Steven Spielberg foram cotados para assumir a direção.

CRÍTICA / CINEMA / SUPERMAN

Lex, o César de uma Roma trumpista

O que está em jogo no atual regresso do super-herói mais famoso dos quadrinhos ao cinema, em 2025, em plena Era Trump, é o ódio que um magnata tem pelo que é diferente dele. Lex despreza o Homem de Aço por saber que ele vem de outro planeta. Ele é estrangeiro, logo, em sua dinâmica, impõe risco. Heróis como o Lanterna Verde Guy Gardner, o ferrabrás interpretado por Nathan Fillion

com ironia, não fazem sua careca lustrosa coçar, porque são aqui da Terra, e ainda por cima, dos EUA. São de casa. Kal-El, não.

À luz de Lex, o César de uma Roma pós-moderna, Kal-El é um emissário das tribos bárbaras que vem conspurcar o pão e o circo de um Coliseu que não se exhibe por meio de lutas, mas por invenções eletrônicas, toques de celular e exibicionismo nas redes sociais.

James Caan, Burt Reynolds, Kris Kristofferson e Nick Nolte foram cotados para viver Kal-El, sobrevivente de Krypton que reside na Terra sob a identidade de Clark Kent, um repórter. Após uma série de testes, o papel acabou com Reeve, cuja atuação (irretocável) só é ofuscada pela de Gene Hackman (1930-2025) como criminoso Lex Luthor.

Com toques pontuais de humor e muita adrenalina, Gunn encarou com coragem a segunda kryptonita na bota do herói, que é a maldição que cerca os intérpretes de Kal-El/Clark Kent, a começar pelo mais icônico deles, o já citado Reeve. Nenhum ator teve sua imagem tão atrelada à figura apolínea criada em 1938 por Jerome Jerry Siegel (1914-1996) e Joseph "Joe" Shuster (1914-1992) quanto ele. A assombração em seu caso foi uma via de mão dupla. Confinado a uma cadeira de rodas após uma lesão cervical em 1995, Reeve jamais estrelou um longa de tanta popularidade e rentabilidade quanto o cult de Donner.

Antes, os atores Kirk Alyn (1910-1999) e George Reeves (1914-1959), que encarnaram o Super-Homem em séries dos anos 1940 e 50, também foram amaldiçoados: o primeiro perdeu a fama e isolou-se; o segundo foi encontrado baleado. Dean Cain, do seriado "Lois & Clark" (1993), também viu seu prestígio popular sumir. Em 2006, "Superman — O retorno" (2006) tentou fazer de Brandon Routh uma celebridade, mas ele caiu no ostracismo.

Henry Cavill, que interpretou o guardião de Metrópolis em "Homem de Aço" (2013), teve melhor sorte e alcançou firmes holofotes. Apesar disso, a nova versão do vigilante deixou-o de lado. David Cozenswet assumiu a insígnia do S com garbo, trazendo algo vulnerável, e demasiadamente gente como a gente. Reeve teria orgulho.

Elas condenam o Super-Homem quando ele é acusado de descender de uma linhagem conquistadora de Krypton. A acusação vem de uma tradução forçada de línguas milenares. Um idioma como o daquele mundo morto equivale aos dialetos que se perdem em diásporas, nas quais a brutalidade segrega quem vem de longe.

O poder de Lex é o capitalismo: com dólares, ele alimenta intolerâncias. Nicholas Hoult, um talento dos infernos, sacou isso e transforma o mais famoso vilão das HQs — há tempos sem viço — num ser bestial, uma alegoria do ódio que expõe o atual zeitgeist da América. (R. F.)